

ESCOLHA DO NOVO PAPA

A fumaça ainda nem subiu da chaminé, mas a bolsa de apostas da cristandade já ferve. Enquanto turistas fotografam a Praça de São Pedro embalada pelas badaladas fúnebres, analistas reviram estatísticas como se o papado fosse campeonato europeu. O Brasil, que recentemente se acostumou a exportar craques e presidentes do CELAM, agora assiste da arquibancada: nenhum latino no pelotão de frente. É como se a velha Europa tivesse fechado o clube, distribuído protocolos em latim e avisado: “aqui só entra quem trouxer séculos de tapete vermelho”.

Os 12 mais comentados

- **Pietro Parolin**, 70, secretário de Estado: diplomata nato, habilitou-se nos tabuleiros de Pequim e Caracas e surge como “candidato de continuidade”.
- **Matteo Zuppi**, 69, arcebispo de Bolonha: pacificador de guerras e benjamim dos progressistas, com jeitão franciscano de periferia.
- **Péter Erdő**, 72, primaz da Hungria: canonista impecável, conservador discreto, fluente em meia dúzia de línguas e, dizem, querido entre os cardeais africanos.
- **Jean-Marc Aveline**, 66, marselhês com sotaque mediterrâneo e doutorado em filosofia; alcunhado de “João XXIV” pelos franceses.
- **Mario Grech**, 68, maltês, secretário do Sínodo: orquestra consensos e defende diaconato feminino — anátema para uns, esperança para outros.
- **Juan José Omella**, 79, arcebispo de Barcelona: currículo de missionário no antigo Zaire e agenda social comparada à de dom Helder — mas sem a aura latino-americana.
- **Jean-Claude Hollerich**, 67, jesuíta luxemburguês, relator-geral da Sinodalidade e voz afinada com encíclicas verdes.
- **Reinhard Marx**, 71, alemão, protagonista do “caminho sinodal” germânico, visto como reformador audaz — ou herege indulgente, dependendo do interlocutor.
- **Marc Ouellet**, 80, canadense, ex-prefeito dos Bispos, guardião da ortodoxia pós-Bento XVI, agora na rabada da idade canônica.
- **Luis Antonio Tagle**, 67, filipino, chamado “Francisco asiático”, carrega carisma de quem prega sorrindo e chora contando parábolas.

- **Peter Turkson**, 76, ganês, ex-prefeito do Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral; seria o primeiro papa africano desde Gelasio I.
 - **José Tolentino Calaça de Mendonça**, 59, poeta português e arquivista da Biblioteca Apostólica — juventude que pode seduzir ou assustar o colégio vermelho.
-

Repare no mapa: oito europeus, dois asiáticos, um africano, um norte-americano; nenhum representante da pujante América que forneceu ao trono de Pedro o primeiro jesuíta portenho. No vácuo, surgem teorias tropicais: haverá complô contra o “continente da esperança”? Ou seria só pragmatismo demográfico — escolher quem conhece a maquinaria curial como quem conhece a própria dieta mediterrânea?

O que se diz nos corredores é que Parolin carrega as chaves diplomáticas, mas Zuppi detém o coração das periferias; que Erdő poderia pacificar a ala tradicional, enquanto Tagle entusiasma a juventude asiática; que Turkson ofereceria ao catolicismo um rosto negro num planeta que clama por representatividade. Por trás de cada nome, contorcem-se preferências teológicas, geopolíticas e até logísticas — afinal, um papa italiano poupa tradutores, ao passo que um filipino resgata a língua de Magalhães para o centro do império.

Do lado de cá do Atlântico, a crônica beira o melancólico: nossos cardeais, relegados a notas de rodapé, acompanham da sacada do Domus Sanctae Marthae. Há quem recorde que, na eleição anterior, Jorge Mario Bergoglio era tratado como zebra — o velho aforismo romano permanece: “quem entra papa, sai cardeal”. Talvez, entre os que hoje ocupam manchetes, esteja oculto o verdadeiro sucessor, um “outsider” latino que a imprensa ainda não farejou. Mas a lógica do conclave ensina: fumaça branca pouco tem de democrática; emerge de negociações bizantinas, sussurros em dialeto vêneto, cálculos de idade e saúde que fariam inveja a qualquer empresa de previdência.

Enquanto isso, visitantes fotografam o frescor marmóreo de Michelangelo, e vendedores disputam espaço com pombos na colunata de Bernini. É ali que a Igreja encena sua peça favorita: o mistério da sucessão. Alguns verão nisso um espetáculo medieval; outros, a resiliência de uma instituição bimilenar. Pessoalmente recordo Umberto Eco em *O Nome da Rosa*: “Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus” — resta-nos o nome, e só. A rosa que foi Francisco,

com sua misericórdia gesticulada, agora é memória; nomes nus ocupam a ribalta, aguardando voto secreto e, quem sabe, o latim gravado na história.

Seja qual for o eleito, ele herdará um planeta convulso, dividido entre a nostalgia de dogmas pétreos e a urgência de inclusões tardias. E nós, brasileiros, continuaremos na arquibancada, apelando a São Pedro para que, ao menos desta vez, sopre o Espírito em direção ao Sul — nem que seja só para lembrar a velha Europa de que “catholicus” significa, afinal, universal. Até lá, levantemos um brinde discreto ao improvável: porque em Roma, como na vida, é no improvável que mora o divino.